



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

PRODUÇÃO DE VÍDEOS E EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE ÊXITO NA UNIVERSIDADE ABERTA DA TERCEIRA IDADE - UATI - UNEB

Macelle Khouri Santos*
(UNEB)

RESUMO

Este relato de experiência tem por objetivo apresentar os procedimentos e os resultados da disciplina Oficina de Produção de Vídeo, ministrada no Projeto de Extensão Universidade Aberta da Terceira Idade – UATI, da Universidade do Estado da Bahia – Uneb, no campus de Juazeiro, com vistas a contribuir para a reflexão sobre o potencial educacional da produção de vídeo como atividade de ensino e aprendizagem. Após cinco meses de trabalho, a oficina resultou na produção de três vídeos: Adeus, Adeus Carnaval; Navegantes do Velho Chico e Memórias de um Juazeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Audiovisual, Produção de Vídeo, Terceira Idade.

INTRODUÇÃO

Muito ainda se discute sobre a utilização de vídeos como instrumento didático-pedagógico, no âmbito escolar. Como nos assinala Moran (1995, p.29-30), o vídeo pode ser um excelente recurso para “introduzir um assunto novo, para despertar a curiosidade, a motivação novos temas”, estimulando a pesquisa sobre conteúdos trabalhados em sala de aula. A utilização de vídeos e filmes contribui

*Macelle Khouri Santos é Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Campus III – Juazeiro), membro do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: processos de formação cultural. E-mail: macellekhouri@gmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

para um aprimoramento da reflexão crítica, não só dos alunos, como também do professores.

Se a assistência a materiais audiovisuais traz contribuições significativas para o contexto educacional, a produção de vídeos no ambiente acadêmico e escolar, por sua vez, se apresenta como uma nova possibilidade de “registro”, “intervenção”, “comunicação” e “expressão” (MORAN, 1995, p.30).

Com o fácil acesso à tecnologia digital, a produção de vídeo tornou-se uma atividade amplamente disseminada, muito associada ao lazer e entretenimento. De posse de uma câmera digital, e sabendo manejá-la, é possível fazer vídeos de curta duração, ainda que não se tenha conhecimentos específicos sobre a linguagem audiovisual.

Mas a produção de vídeo também apresenta potenciais educacionais significativos. De acordo com Vargas, Rocha e Freire (2007, p.2), a experiência com a produção audiovisual contribui para o “desenvolvimento do pensamento crítico”, aprimorando a capacidade de observação dos alunos com relação a produtos midiáticos dessa natureza, além de estimular a expressão, levando-os, muitas vezes, “a superar da timidez”.

Os autores apontam ainda como contribuições para o processo de ensino e aprendizagem, o fato da produção de vídeo favorecer a interdisciplinaridade, integrar diferentes capacidades e valorizar o trabalho em grupo.

No âmbito acadêmico, a produção de vídeo encontra lugar, sobretudo nos cursos relacionados à área da comunicação social, que estimulam a produção videográfica, seja ela associada a atividades disciplinares ou como trabalho de conclusão de curso, uma vez que nesses cursos o trabalho de pesquisa monográfica pode ser substituído por um produto experimental, o que inclui produções videográficas.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O objetivo desse texto é justamente relatar como se deu uma experiência de produção de vídeo dentro do ambiente acadêmico, mas não com alunos regulares de um curso de graduação. Objetivamos contribuir para a reflexão da relação do audiovisual com a educação, tomando como exemplo um projeto voltado para homens e mulheres na terceira idade, que tiveram sua primeira experiência com esse tipo de produção, avaliando se a experiência em questão alcançou os benefícios educacionais apontados pelos autores citados.

Metodologia

A Universidade Aberta da Terceira Idade – UATI – é um Programa de Extensão da Universidade do Estado da Bahia – Uneb, que tem por objetivo oferecer disciplinas e atividades regulares para homens e mulheres acima dos 65 anos de idade. No Campus III, localizado na cidade de Juazeiro, a UATI teve início no segundo semestre de 2009 e faz parte das ações do Departamento de Ciências Humanas, que concentra os cursos de Pedagogia e Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo em Múltiplos Meios.

Entre os meses de abril e agosto de 2010, tivemos a oportunidade de ministrar a disciplina Oficina de Produção de Vídeo para uma turma de 32 alunos, com variados graus de instrução e condição sócio-econômica. Algumas alunas manifestavam claramente estarem enfrentando uma depressão psicológica, e viam, por isso, as atividades oferecidas pela UATI como uma alternativa para encontrarem a cura.

Estes alunos assistiam aulas de segunda a quinta-feira, das 8 às 12 horas, sendo que cada dia era destinado a uma disciplina específica: Informática, Dança, Trabalhos Manuais, e Oficina de Produção de Vídeo. Cabe ressaltar que a proposta da universidade era, inicialmente, oferecer atividades para uma única turma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

durante apenas um semestre. A turma a que se refere este relato se envolveu tanto com o projeto que solicitou a permanência por mais um período.

Neste contexto, as aulas da Oficina de Produção de Vídeo, ministradas às terças-feiras, perfazendo, ao final, uma carga-horária de 60 horas, iniciaram-se com uma expectativa muito grande. Para os alunos, essa seria uma oportunidade de produzir algo diferente, de estar nos bastidores de uma produção audiovisual, participando ativamente de todas as etapas.

As primeiras aulas destinaram-se a uma apresentação teórica do processo de produção audiovisual para que os alunos pudessem compreendê-lo. Foi preciso explicar de maneira muito didática cada uma das etapas – produção, filmagem e edição, visto que essa era a primeira vez em que a maioria deles entrava em contato com a linguagem audiovisual para a produção de um vídeo. Nesse sentido, a utilização de materiais que retratavam o making-off, ou seja, os bastidores de produções cinematográficas e televisivas foi muito ilustrativa, facilitando a compreensão do processo.

Optamos por dividir a turma em três equipes, as quais foram formadas por livre escolha, bem como por deixar que cada uma delas definisse a temática com a qual desejavam trabalhar. Curiosamente, os três grupos optaram por temas relacionados às memórias de sua vivência na cidade de Juazeiro. O Grupo A optou pelos antigos carnavais da cidade; o Grupo B escolheu falar dos vapores juazeirenses, antigas embarcações que navegavam pelo Rio São Francisco; e o Grupo C buscou relembrar um pouco do cotidiano da cidade por volta das décadas de 1940 e 1950.

Definidos os temas, solicitamos aos alunos que procedessem a uma pesquisa relacionada às temáticas específicas para que se apropriassem do conteúdo a ser apresentado no vídeo. De posse do conteúdo, foi a vez de elencar os entrevistados.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Já seguros do que pretendiam fazer e de quais fontes iriam buscar, iniciamos o processo de elaboração de um pré-roteiro. Conjuntamente a exposições teóricas, exibimos vídeos produzidos por estudantes do Curso de Comunicação Social, para que eles pudessem compreender melhor a importância desse instrumento para a construção de um produto audiovisual.

Numa primeira etapa, eles sistematizaram o objetivo da temática, a ideia central do vídeo, as fontes. Nesse momento, fez-se necessário também instruí-los quanto aos procedimentos de entrevista. Cada grupo elaborou, então, um roteiro preliminar de perguntas que serviria de guia para a realização das entrevistas.

Finda a etapa de produção, partimos para as filmagens. Como o DCH não possui ainda um laboratório de Telejornalismo e nem um núcleo de produção audiovisual, solicitamos a colaboração de dois estudantes do Curso de Comunicação Social, que se agregaram à proposta para desempenhar as funções de cinegrafia e edição. Ambos possuíam equipamentos digitais e conhecimento prévio do processo, o que facilitou bastante o trabalho, uma vez que eles tornaram-se assistentes dos alunos fora da sala de aula.

Não nos era possível acompanhar todo o processo de filmagem. Enquanto uma ou duas equipes estavam em campo, a (s) outra (s) permanecia (m) em sala, fazendo ajustes de roteiro ou selecionando, com o nosso auxílio, imagens e trechos das entrevistas já realizadas para serem utilizados na edição.

Nessa etapa, o Grupo C apresentou bastante dificuldade. Como parte dos membros possuía baixo grau de instrução, muitos não conseguiam compreender a necessidade de fazer entrevistas e captar imagens. Chegavam para as aulas com textos escritos em folhas de caderno e consideravam isso suficiente. Como não conseguiram agendar as entrevistas com as fontes previamente escolhidas foi necessário repensar junto com eles a estrutura do material.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Levando em consideração a dificuldade de compreensão do processo como um todo, bem como a falta de entrosamento entre os membros do grupo, sugerimos, então, que os próprios estudantes se tornassem depoentes, trazendo ao vídeo suas memórias, que poderiam se apresentar intercaladas pela fala de uma historiadora. Superando a timidez, eles aceitaram a proposta e os depoimentos foram gravados na casa de uma das estudantes.

A etapa de filmagens levou mais tempo do que o previsto pelo nosso cronograma, sobretudo para o Grupo A porque algumas fontes não puderam gravar a entrevista nos dias agendados, e algumas tiveram que ser substituídas num último momento, devido a imprevistos.

Com as entrevistas feitas e o material selecionado, os alunos foram novamente orientados para elaboração do roteiro final, que guiaria a edição. Além disso, também se responsabilizaram pelas músicas que comporiam as respectivas trilhas sonoras. Todos os grupos optaram por não utilizar a voz off (uma narração guia), e trazer o conteúdo costurado através dos depoimentos. O Grupo C, entretanto, decidiu usar uma personagem para apresentar a história. Uma das alunas interpretou o papel de uma senhora, que sentada em sua cadeira de balanço, relembrava a época dos vapores ao ouvir uma canção tocada por uma rádio.

A proposta permitiu ao grupo, além da experiência com a produção audiovisual, a experiência da encenação, bem como a oportunidade de conhecer os procedimentos de gravação de áudio. O cântico escolhido foi entoado por alguns membros da equipe e gravado no estúdio do laboratório de Radiojornalismo.

Os contratempos na etapa das filmagens, por sua vez, impossibilitaram os alunos de acompanharem todo o processo de edição, como desejávamos. O fato de estarem produzindo um vídeo pela primeira vez tornava a edição mais demorada, pois a curiosidade, assim como as dúvidas, gerava interrupções constantes. A



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

finalização dos vídeos teve que ser feita pelos estudantes colaboradores, com a nossa supervisão.

Após quase cinco meses de atividades, a disciplina Oficina de Produção de Vídeo resultou na produção de três vídeos-documentários: Adeus, Adeus Carnaval; Navegantes do Velho Chico; e Memórias de um Juazeiro. Os vídeos foram exibidos para o público acadêmico na atividade que marcou a formatura simbólica da primeira turma da UATI, juntamente com a exposição dos trabalhos artesanais oriundos de outras disciplinas. Na ocasião, cada grupo, após a exibição do vídeo, pôde falar da experiência, ressaltando as dificuldades e o aprendizado.

Os vídeos foram, posteriormente, exibidos em eventos acadêmicos como o I SEPEX – I Semana de Pesquisa e Extensão do Campus III da Uneb, e o Festivídeo, da Universidade do Vale do São Francisco – UNIVASF – Campus de Petrolina (PE), contando sempre com a participação dos alunos da UATI.

CONCLUSÕES

A experiência com a produção de vídeos na Universidade Aberta da Terceira Idade foi gratificante, sem dúvida, mas, sobretudo marcante, do ponto de vista acadêmico. Embora já estivéssemos habituados à orientação de alunos nesse processo, tanto como atividades de disciplinas relacionadas ao audiovisual como trabalhos de conclusão de curso, desenvolver esse trabalho com homens e mulheres na terceira idade nos permitiu uma reflexão mais aprimorada.

Para estudantes de jornalismo, cinema ou comunicação social, produzir vídeos, sejam eles de cunho documental ou não, é basicamente um requisito acadêmico. Em algum ou em diversos momentos do curso, esta atividade será feita associada a conteúdos teóricos, de acordo com requisitos já estabelecidos. Para os alunos da UATI, a produção de vídeo tornou-se sinônimo de algo extremamente



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

novo, visto que a experiência descortinou para eles um universo de informações e procedimentos até então desconhecidos, desde o período de pesquisa sobre a temática até o processo de edição dos materiais.

Dentre todas as disciplinas que lhes foram oferecidas, a que mais os estimulavam era a Oficina de Produção de Vídeo, pois o processo permitia a eles o ato da criação, e isso valorizava a sua auto-estima. Eles viram-se capazes de produzir algo que expressava suas idéias e objetivos, com sua própria autoria, e que ainda poderia ser visto por inúmeras pessoas. Muitos demonstraram uma verdadeira capacidade de superação, empenhando-se em aprender e melhorar a cada etapa.

O resultado dessa oficina vem, portanto, corroborar o potencial educacional que a produção de vídeo possui, já que a sua realização não só valorizou o trabalho em grupo, como estimulou a criatividade dos alunos, e o seu potencial para a comunicação e expressão. A experiência favoreceu também a interdisciplinaridade, pois os conteúdos teóricos trabalhados em sala ganharam concretude em campo, de forma prática e flexível, integrando diferentes habilidades e inteligências.

Como resultado, podemos apontar ainda o aprimoramento do pensamento crítico, pois à medida que vivenciavam as etapas do processo, eles apresentavam uma visão crítica mais elaborada ao analisarem materiais audiovisuais exibidos em sala.

Para os alunos da UATI, o processo de produção de vídeos se apresentou, seguramente, como uma experiência inteiramente nova e gratificante, assim como para nós, não somente pela necessidade de desenvolver novos procedimentos didáticos para transmissão do conteúdo, em virtude da peculiaridade da turma, mas, sobretudo, pelo exercício de compreensão que nos exigiu, uma vez que não estávamos trabalhando com estudantes de um curso acadêmico regular, a quem se impõem os rigores avaliativos. E os resultados foram igualmente gratificantes.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

MORAN, José Manuel. O Vídeo na Sala de Aula. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA – Editora Moderna, jan – abr de 1995. p. 27 – 35.

VARGAS, Ariel; ROCHA, Heloisa Vieira da; FREIRE, Fernanda Maria Pereira. **Promídia**: produção de vídeos digitais no contexto educacional. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo10/artigos/1bAriel.pdf>>. Acesso em 04 de maio de 2011.